

A REINVENÇÃO DO PROFESSOR ATRAVÉS DA TECNOLOGIA: PROFSSIONALISMO E FORMAÇÃO

THE REINVENTION OF THE TEACHER THROUGH THE TECHNOLOGY: PROFESSIONALISM AND TRAINING.

Michelle Marins Pessoa¹, Sandra Regina Gouvea².

RESUMO

O avanço da tecnologia, o mundo virtual e a disponibilização de diferentes mídias têm um grande impacto na sociedade e, conseqüentemente, na escola e na formação do aluno/cidadão. Em contrapartida, essa mesma sociedade busca na escola um processo de formação ética e moral. Diante deste cenário, onde a educação ganha contornos híbridos, como fica o papel do professor e quais são os seus desafios diante do virtual? O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa científica que teve como propósito analisar o papel do docente e o uso da tecnologia através da perspectiva do professor. Através desse olhar, trazer alternativas para o uso colaborativo do mundo virtual no ensino, incluindo novas tecnologias para intermediação virtual entre professor/conhecimento/aluno. Metodologicamente, utilizou-se a leitura de textos e rodas de conversa com professores da rede municipal de São Paulo. Os dados coletados foram importantes para gerar uma reflexão sobre o contexto educacional e evidenciam que é possível através do reconhecimento profissional e formação continuada a reinvenção do papel do professor através da tecnologia.

Palavras-chave: Tecnologia na educação. Formação. Híbridismo. Gamificação.

ABSTRACT

The technology's advance, the virtual world and the availability of different types of medias have a great impact on society and, consequently, in school and in the student/citizen formation. On the other hand, this same society searches in school for an ethical and moral formation process. Facing this scenario, where education earns hybrid contours, what happens to the teacher's role, and what are their challenges regarding the virtual? This paper's objective is to present the results of a scientific research which had a purpose of analyzing the education in schools and the technology use through the teacher's perspective. Through this view, bring alternatives for the collaborative use of the virtual world for teaching, adding new technologies for virtual intermediation among teacher/knowledge/student. Methodologically, texts were read and conversation circles with municipal teachers from São Paulo were held. The collected data was important to create a reflection regarding the educational context and show that through professional recognition and continuing education it is possible to reinvent the teacher's role through technology.

Keywords: *Technology in education. Formation. Hybridity. Gamification.*

1 Faculdade Integradas Campos Salles, USP

2 UNIFIEO, Mackenzie, SENAC, Faculdades Campos Salles

1. INTRODUÇÃO

As salas de aula hoje mantêm a estrutura clássica: lousa, giz, cadeiras enfileiradas, mas as dinâmicas dentro deste espaço são diferentes, o professor já não é mais a única fonte de saber e autoridade. Essa mudança na relação professor/aluno, aluno/conhecimento é acentuada pelo uso crescente das novas tecnologias pelos estudantes no ambiente escolar, o que tem gerado um extenso número de problemas na sala de aula. Esses problemas vão desde o desinteresse pela leitura, pela aprendizagem, pelo esvaziamento da figura do professor até o total isolamento do aluno em função da diversidade de atrativos exteriores à escola. Do outro lado está o professor que se depara no dia a dia com grandes dificuldades para atrair a atenção desses alunos, com poucos espaços para a formação, precisa lidar com a tecnologia e mediar o conhecimento.

Tal constatação traz à tona muitas angústias docentes: Como incentivar a leitura, despertar o desejo de aprender do aluno, tornar o saber uma fonte de interesse, acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas e também disputar espaço com tantos estímulos externos.

A necessidade de rever alguns conceitos e práticas e de se reinventar tornaram-se uma constante, e como meio a essa relação híbrida entre aluno-professor/conhecimento-tecnologia surgiu a necessidade de buscar novos caminhos para o papel docente.

Os alunos vivenciam diversos estímulos externos para a classe e oriundos dos contatos com diferentes fontes de conhecimento. A sala de aula, então, se torna um ambiente considerado cansativo, que não dialoga com a realidade deles, justamente nesse espaço onde os conteúdos e os valores sociais e éticos deveriam ser objetos de reflexão e preparação para o exercício da cidadania.

Diante deste contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar os dados de uma pesquisa que partiu justamente desta necessidade de pensar a profissão docente, o papel do mesmo na atualidade e analisar os desafios enfrentados pelos professores quanto ao uso das novas tecnologias em sala de aula. O estudo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas e periódicos tendo como principais bases teóricas os autores: Araújo (2009), Cortella (2014), Morin (2003), Moran (2010), Peña e Allegretti (2012) e Viana (2013). Paralelamente, realizou-se uma pesquisa em campo com professores da rede municipal de São Paulo através da leitura de textos e rodas de conversas nos momentos de Jornada Especial Integral de Formação – JEIF realizadas na escola.

A pesquisa incluiu ainda a verificação da viabilidade para o uso colaborativo do mundo virtual na sala de aula e contribuiu para criar um olhar diferenciado para a inserção da tecnologia na escola voltada à reinvenção do papel do educador.

2. PROFISSÃO DOCENTE

O professor é aquele que professa, ensina, orienta, tutora, media, papel importante e fundamental na educação de qualquer país. Segundo Nóvoa (1991), a profissão docente se constitui a partir do momento em que o Estado assume a tutela do ensino. Ao longo do século XIX a imagem do professor vai se consolidando e se oficializa fortalecida por decretos imperiais. Anterior ao decreto, a função docente era exercida por pessoas (independente da profissão), que dominavam diferentes

conteúdos, como tutoria para filhos de famílias ricas ou em instituições privadas, lembrando que na época o acesso à educação era restrito.

Antes de o homem poder ascender às leis e causas científicas dos fatos, a Pedagogia era pura arte. As normas práticas do ensino obedeceram primitivamente a um sumário empirismo. Na Índia e na Judéia, na nobre Grécia e na velha China as técnicas pedagógicas existiam alheias a quaisquer preceitos científicos; a desconexão e a prática rotineira do esforço educativo só lentamente foi cedendo lugar a normas lógicas, coordenadas e científicas. Assim a Pedagogia foi primeiro arte e depois ciência; agora, porém, estas duas modalidades do problema pedagógico equilibram-se e auxiliam-se (EVANGELISTA, 1944, p.4-5).

No século XX com a gratuidade do ensino e responsabilização do poder público, foi necessário ampliar a contratação deste profissional para atender os grupos escolares, surgiam então as primeiras escolas de formação superior para docentes.

Assim surge no Brasil a “profissão professor”, sendo os primeiros cursos de formação superior em licenciatura surgiram na década de 30 nas principais capitais do país.

Nessa perspectiva, a profissionalização é uma noção que remete para várias dimensões do exercício do magistério, exigindo a análise simultânea e integrada de diferentes dimensões: a formação, a instituição e os saberes, o exercício concreto da atividade, as relações com o Estado, as formas de organização da categoria profissional (CATANI, 2009, P.3)

Apesar de hoje existirem muitos cursos superiores destinados à formação dos professores ainda há o estigma que ensinar é tarefa fácil e pode ser executada com boa vontade e algum conhecimento. Segundo Lerner (2007) ensinar é tarefa para profissionais, exige acesso à informação, gestão de tempo/espaço, requer autoria, prazer e formação continuada. Essa formação é necessária e urgente para lidar com os desafios e mudanças constantes do mundo e dos educandos.

3. O PROFESSOR FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

A tecnologia entra na sala de aula e nos espaços da escola através dos alunos. Moran (2000) aponta que essas gerações que nasceram num mundo altamente tecnológico trazem mudanças para a sociedade, para o ambiente escolar e são indivíduos acostumados à hipertecnologia, imersos no mundo virtual. A escola já não representa a realidade deles e os professores têm dificuldade em alcançá-los e motivá-los. Os alunos usam e dominam as novas tecnologias e o professor tenta aprender e transformar esses recursos em aliados na sua prática pedagógica, para que as suas aulas não fiquem tão distantes da realidade dos seus alunos.

Sem dúvida, a tecnologia nos atingiu como uma avalanche e envolve a todos. Começa a haver um investimento significativo em tecnologias telemáticas de alta velocidade para conectar alunos e professores no ensino presencial e a distância. Como em outras épocas há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para mudar a educação. Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente (MORAN, 2000 P.8).

Os docentes devem ficar atentos às transformações e inovações para se manterem atualizados. Nem tudo o que é inovação deve ser usado como ferramenta, como aponta Cortella (2014), mas precisamos encontrar um jeito de unir a tecnologia com o encantamento dos nossos alunos. É necessário perceber a realidade deles para que as disciplinas se “conectem”, construam valores, significados e aprendizados. Educar em uma sociedade que se transforma rapidamente com a tecnologia é um grande desafio para os professores. É necessário entender quais são as perspectivas desse tipo de educação nos currículos, as novas formas de aprendizagem e como a educação vem sentindo o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação – TICs.

Quando tratamos da aprendizagem através da tecnologia é necessário pensar também no papel do professor e em como ele está preparado para esse tipo de educação, principalmente diante das novas perspectivas tecnológicas e das novas gerações. Nesse processo, torna-se fundamental refletir em como está o papel da escola na sociedade atual e como os alunos enxergam o valor da escola na construção das suas vidas.

Propor que a escola trate questões sociais na perspectiva da cidadania coloca imediatamente a questão da formação dos educadores e de sua condição de cidadãos. Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional (PCN, 1998, p. 31).

Educar hoje exige uma nova postura e formação dos professores, a abertura para a entrada da tecnologia na sala de aula e o fim da disciplinaridade através da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Associado a isso, está o desafio de trabalhar a ética e os valores resolvendo conflitos, promovendo respeito e solidariedade, a partir do uso das novas tecnologias.

O autor Edgar Morin (2003) afirma que um dos grandes desafios atuais da educação é trazido pela hiperespecialização e a segregação das disciplinas. Quando se reduz o complexo ao simples, torna-se o mesmo fracionado, atrofiado e perde-se a compreensão e a visão multidimensional das coisas. O autor afirma que as mudanças no ensino devem surgir através da reforma do pensamento que religará os saberes divididos (cultura humanística e científica), derrubará as fronteiras das disciplinas e promoverá a cabeça bem-feita dos estudantes. Outro ator importante nessa “reforma” é o docente, que também deverá estar comprometido com a sua profissão e a sua missão e auxiliaria na reforma das instituições de ensino que reformariam as mentes e mudariam a relação da sociedade com a escola.

Segundo Vianna (2013, p. 50), as novas gerações são definidas como sujeitos que possuem “apreço especial pelas multitarefas, a flexibilidade de horários e a comunicação textual em detrimento da oral. São otimistas em relação ao futuro, demonstram maior consciência ambiental e orgulham-se do engajamento em causas sociais”. Essas novas gerações, acostumadas a alternar entre os mundos físico e digital, encontram o seu lugar na sociedade híbrida definida por Peña e Allegretti (2012) como:

(...) aquela que inclui espaços que permitem a expansão da capacidade de ação de diferentes ordens. O digital atua como um amplificador das possibilidades do

mundo físico, em seu aspecto estrutural, e isto permite que surjam práticas sociais, artísticas e tecnológicas inovadoras, que se sucedem, interpõem e revezam entre o mundo físico e digital (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012, p.99).

A educação segue o mesmo caminho híbrido e hoje vive um momento de mudança nos seus recursos e metodologias de ensino. O que antes era reduzido à oralidade, quadro e caderno, hoje é ressignificado para imagens, tablets e redes sociais. O “aprender a aprender” se torna o aprender coletivamente e continuamente:

Na sociedade híbrida a aprendizagem é uma ação contínua que se dá na relação individual e coletiva, na qual o avanço de uma interfere na outra e vice-versa, sem uma hierarquia estabelecida. Outro aspecto relevante a ser considerado é a forma como se pode aprender. Aprender em colaboração (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012, p.101).

Diante desse contexto, emergem termos como letramento digital e cidadão digital (PEÑA; ALLEGRETTI, 2012). A formação de professores nesse contexto híbrido encontra também um novo espaço e significado. Os conhecimentos vêm de diferentes direções e podem ser trabalhados em conexões que permitem a mediação docente e o aparecimento do protagonismo dos alunos através de uma ferramenta que ambos utilizam e atribuem significado.

A gamificação surge desse modo, como um recurso auxiliar no processo de ensino/aprendizagem e pode promover a aprendizagem porque os seus elementos vêm de encontro às propostas pedagógicas (pontuar, colaborar, aprender). É uma forma de atingir o conhecimento com uma ferramenta que dá prazer aos alunos e um novo estímulo ao professor (FARDO, 2013).

Vianna define “a gamificação (do original em inglês gamification) corresponde ao uso de mecanismos de jogos orientados ao objetivo de resolver problemas práticos ou de despertar engajamento entre um público específico” (VIANNA, 2013, p.13). Neste processo, o jogo, através do lúdico, traz um envolvimento, se torna prazeroso e significativo, sendo um poderoso meio de transformar e desenvolver comportamentos. Alves (2014) salienta que a escola tem uma grande dificuldade de “conexão” com jovens que cresceram na cibercultura e a gamificação traz essa proposta de unir uma instituição hierarquizada (escola) com alunos multitarefas (geração Z) num ambiente colaborativo (híbrido). O contexto para a utilização da gamificação na sala de aula é favorável, mas requer condições que vão além da vontade dos alunos e da curiosidade do professor:

Essa mudança passa por questões que vão desde infraestrutura mínima nas escolas, melhores salários para os docentes e processos de formação permanente que possibilite aos professores construir práticas inovativas, dinâmicas e atentas ao desejo dos alunos e professores, sujeitos que constroem cotidianamente as práticas pedagógicas (ALVES, 2014, p. 93).

Emerge assim, um conjunto de desafios que requer o envolvimento não apenas da escola, mas dos governos e da sociedade como um todo. Trata-se de um processo longo e contínuo, cujas concepções de sujeito, aluno, professor, aprendizagem e práticas educativas necessitam passar por uma transformação profunda, essencial no contexto ao qual vivemos atualmente.

4. METODOLOGIA

O presente estudo apresenta caráter qualitativo e quantitativo, de natureza descritiva. Assim, além de pesquisas bibliográficas, o instrumento escolhido foi a leitura de textos que embasaram esta pesquisa e rodas de conversa para que fosse possível discutir a questão da profissão docente, formação continuada e das mudanças que ocorreram com a expansão da tecnologia. O objetivo era discutir com o maior número de docentes, do ensino fundamental I e II nas reuniões de JEIF das unidades escolares. Fizeram parte desta pesquisa 59 professores de duas escolas da rede municipal de ensino de São Paulo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para discutirmos acerca das novas tecnologias e sua relação com o processo educativo, um dado interessante a ser analisado é a questão do uso da internet. A acessibilidade é importante e pode ou não ser um empecilho para o professor. Observa-se que a maior parte dos professores utiliza a internet diariamente. Assim como os alunos, os professores veem nas TICs o lazer. Esse dado mostra que a falta de empatia pela tecnologia não vem da falta de acesso à internet e mesmo os professores com a idade mais avançada tem um alto grau de acessibilidade. Nessa questão, um fato que chamou a atenção foi que praticamente todos acessam as novas tecnologias. Quando falamos em formação de professores para o uso das tecnologias, também pensamos que esses mesmos professores devem ser orientados para o uso da internet além da diversão e da socialização. Nesse sentido, a formação continuada voltada para o uso das novas tecnologias em sala de aula, visando extrair todos os benefícios pedagógicos que a internet e outros aparatos tecnológicos podem oferecer, emerge como uma necessidade nos tempos atuais.

Outro dado interessante surgiu na análise sobre a satisfação com o uso das novas tecnologias digitais, a maioria afirma que está satisfeita e que usa as mesmas com naturalidade. Apenas poucos indicam que usam pouco e gostariam de aprender mais. Em relação à formação para o uso dessas tecnologias/especialização, foi constatado que apenas metade do grupo já participou de algum curso de formação com esta temática.

Apesar da maioria dos professores afirmarem que usam com frequência e desenvolvem as novidades tecnológicas, metade dos entrevistados nunca fez um curso de formação. Essa informação vai ao encontro da literatura citada no quadro teórico, uma vez que evidencia que a falta de formação oferecida pelos cursos de licenciatura e governo ainda é um complicador para o docente no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) já apontam a necessidade de desenvolvimento dos professores enquanto profissionais e cidadãos críticos para que possam fazer parte da construção da cidadania junto aos seus alunos.

Existe uma lei estadual em São Paulo que proíbe o uso de celular em sala de aula (Lei nº 12.730, de 11/10/2007) e essa lei traz confrontos na sua aplicação. Muitos professores se apoiam nela para impedir os alunos de retirar da mochila o aparelho e usá-lo. Quando é tratado o uso da tecnologia em sala de aula é pensado o uso de diversos aparelhos, inclusive o celular. A maior parte dos docentes acredita que deve ser possível e permitido o uso dos diversos aparelhos na sala de aula, mas todos concordam que ele deve ser usado de acordo com uma proposta pedagógica. A respeito disso,

Moran (2000) aponta que os jovens precisam de uma orientação do educador para transitarem pelos caminhos que a rede oferece e saberem escolher as informações que são realmente significativas entre tantas possibilidades oferecidas.

Muitos professores também afirmam que fazem o uso da TICs para o preparo das suas aulas, o que não significa que eles as usem efetivamente na sala de aula.

Uma justificativa, principalmente nas escolas públicas, é a falta de aparelhos e conexão. Atualmente os professores estão levando os seus próprios aparelhos e grande parte das escolas já possuem acesso à internet, o que facilita o início do trabalho com tecnologia.

Em relação ao uso das novas tecnologias com os alunos apenas uma minoria afirma o uso constante (duas ou mais vezes por semana), enquanto outros raramente usam e alguns nunca utilizaram. Essas respostas sugerem que os professores estão mais dispostos ao uso das TICs, mas muitas vezes não conseguem associá-las às disciplinas ou pensar em sequências didáticas que as incluam.

Em face do exposto, é veemente afirmar que as tecnologias somam à educação quando são incluídas no projeto da escola e são aliadas a bons planejamentos. Para que esses projetos se realizem são necessárias orientações para as escolas e professores. As dificuldades que são apontadas são inúmeras, mas todas elas podem ser sanadas quando o grupo de docentes está motivado a trabalhar com a tecnologia e a educação.

6. EDUCAÇÃO HÍBRIDA, GAMIFICAÇÃO E PROPOSTAS DE APLICAÇÃO DAS TICS

Durante a roda de conversa orientei para a temática da educação híbrida e da inserção da gamificação em sala de aula além de indicar propostas de aplicação das TICs no espaço e formação que temos hoje.

O tema “educação híbrida” foi bem recebido pelos grupos e versa sobre a possibilidade de novas formas de aprendizagem. Muitos professores se mostraram entusiasmados com o uso de novas ferramentas e dispositivos como recursos em sala de aula. Eles apontam a necessidade da escola de se adequar ao que está acontecendo na sociedade digital. Essa informação vai ao encontro ao que foi apontado por Neto e Franco (2010). A escola e o professor devem refletir e se reinventar frente às novas tecnologias e acompanhar as transformações que já estão presentes na vida dos alunos. Alguns ainda apontam a necessidade de formação para se sentirem mais seguros e outros acreditam que ainda há muitas dificuldades, principalmente para a educação pública de incorporar essas novas formas de educação.

Sobre a gamificação, todos os docentes acreditam que é possível ensinar através de jogos e que essa pode ser uma experiência positiva para a sala de aula.

Os professores pensam que o trabalho com jogos estimula, atrai a atenção dos alunos, motiva e traz benefícios para o processo de ensino-aprendizagem. Tal situação é coerente com a afirmação do autor Vianna (2013), que reforça a relevância desse recurso no processo de ensino e aprendizagem. A gamificação vem através do lúdico atrair, motivar, engajar e ensinar de maneira significativa.

Foi pensada a proposta do aluno realizar as tarefas fora do espaço escolar e de compartilhar em redes; a maior parte dos professores é favorável a essa ideia e acredita que isso estimularia a participação do aluno por ele já ficar bastante tempo em redes sociais. O cuidado seria apenas em relação ao controle da plataforma e do conteúdo. Outra proposta que surgiu foi a possibilidade de interação e uma mediação virtual com algum protótipo que trouxesse conhecimentos específicos. Muitos professores relataram que os alunos gostam de trabalhar também com desafios (que podem ser virtuais), pontuações e simulações de realidade. Todas essas propostas coadunam com a ideia de unir o professor, o conhecimento, a tecnologia e o aluno.

Quando questionados sobre as habilidades/competências para o trabalho do docente com recursos tecnológicos, a questão do letramento digital surge imediatamente. A maioria acredita que para o professor levar tecnologia para a sala de aula ele deve estar primeiramente inserido e dominar os recursos, além de contar com a receptividade da escola e estar aberto às mudanças. Para isso há a necessidade de valorização profissional, investimento em formação e reconhecimento dos saberes que esses profissionais da educação já trazem.

Uma questão importante a se tratar foram as limitações de acesso à tecnologia. Alguns empecilhos surgiram, o que aponta que criar a cultura da tecnologia na educação ainda é um caminho longo. Limitações citadas: falta de computadores, pouco acesso à internet, falta de compromisso dos alunos, necessidade de adaptações às diferentes faixas etárias e realidades, infraestrutura, falta de políticas públicas, resistência e formação docente. Na literatura analisada, surge a questão da política pública para inserir a tecnologia nas escolas e a necessidade de modelos de ensino-aprendizagem para assimilar o uso dessas tecnologias, além do preparo do professor (NETO; FRANCO, 2010).

Muitas vezes, os professores estão dispostos a utilizar as novidades tecnológicas e pedagógicas na escola, mas encontram resistência da direção e gestão. Essa resistência, muitas vezes, está relacionada ao receio de mudar e de se envolver em projetos diferentes ou de dar autonomia ao professor para fazê-lo. Esse é um grande empecilho na escola e pode ser mudado com informação e formação incluindo os gestores escolares.

A formação do professor para o uso das novas tecnologias foi outro ponto bastante interessante e que trouxe diversos comentários. Uns afirmam que o desconhecimento é grande e que alguns docentes têm até vergonha de admitir que não sabem usar a tecnologia. Outros acreditam que ela é de grande importância e deve surgir desde a formação inicial do professor na licenciatura e ser contínua com profissionais especializados. Alguns pensam que é um dever público e outros que o próprio professor deve se manter atualizado. Muitos concordam também que as horas-atividades dos professores poderiam ser destinadas aos cursos de formação.

As TICs são ferramentas importantes na educação e podem modificar e atualizar a estrutura escolar, mas para que as mudanças sejam positivas e efetivas é necessário pensar na capacitação do professor.

A opinião dos professores é muito interessante e converge com o quadro teórico apresentado, muitos ratificaram a importância de falar da própria prática como instrumento de reflexão e observação crítica. Um grande medo dos professores ao trazer a tecnologia para a sala de aula é que os alunos se distraiam apenas com a parte social e esqueçam de prestar atenção no conteúdo. Nesse

sentido, a introdução de novas práticas, incluindo as novas tecnologias, deve ser feita de maneira cuidadosa. Primeiro o professor deve estudar, compreender e se sentir seguro e depois ele deve apresentar aos alunos as ferramentas, os seus objetivos e como elas serão utilizadas em sua aula. A escola não pode ficar distante da realidade dos seus alunos por medo ou resistência, seus profissionais devem sempre buscar entender as mudanças e adaptá-las para o ambiente escolar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola passa por transformações cada vez mais rápidas e com o auxílio da tecnologia mudam-se os comportamentos, as relações e o aprendizado. A educação é fortemente influenciada, pois é na escola que elas chegam através das novas gerações, dos nossos alunos. Ainda vivemos a educação em moldes antigos, mas com novos contornos pelo caminho híbrido. É impensável distanciar o professor deste processo.

Diante de tantas mudanças, o docente encontra-se num momento de reflexão sobre o seu papel, a sua formação e o olhar para a sua profissão. Hoje o professor, fonte anterior de todo o conhecimento, deu lugar ao educador pesquisador e mediador. Os referenciais teóricos auxiliaram na compreensão da formação/consolidação do papel docente e de todas as mutações que ocorreram durante as últimas décadas. O mundo em constante transformação exige um professor adaptado. Após a pesquisa foi constatado que muitos educadores ainda percebem a necessidade de formação para o uso das TIC's em sala de aula e sentem-se despreparados para utilizar uma ferramenta que já é dominada pelos educandos. Alguns recusam-se a adaptar-se às mudanças, preferindo as aulas e métodos tradicionais e justificando falta de habilidade/conhecimento; o que limita a pesquisa e a inserção de alternativas e recursos pedagógicos.

Através dos textos lidos e rodas realizadas, percebe-se que grande parte dos docentes se encontram curiosos e esperançosos com as inovações que chegam à educação e, assim como os alunos, também desejam mudanças positivas para o ensino. Há uma abertura pedagógica para as novas tecnologias, mas é necessária uma mediação também com os educadores. As alternativas que surgem com o uso das tecnologias, da educação híbrida e da gamificação foi bem recebida como um passo importante para motivar os alunos e fortalecer o ensino-aprendizagem. Através da inserção das novas tecnologias, reconhecimento profissional e formação continuada o papel do professor pode ser reinventado. Contudo, como foi possível constatar, trabalhar com as novidades tecnológicas ainda continua sendo um desafio para os educadores, como sugestão para novas pesquisas permanece a busca de alternativas de formação, plataformas e interação que permitam a vivência desse uso e proporcionem novas experiências para docentes e alunos, potencializando a aprendizagem.

Pensando em todas essas mudanças e no impacto que elas trazem para os jovens é necessário, cada vez mais, investir e valorizar o profissional da educação, na sua autoria, protagonismo e saberes consolidados. Além desta valorização é preciso construir políticas públicas que instituam a cultura de formação continuada para os educadores para que hajam espaços colaborativos (utilizando as inovações tecnológicas), acesso às produções acadêmicas e a todos os recursos disponíveis para potencializar o principal agente da educação: o professor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn Rosalina Gama; MINHO, Marcelle Rose da Silva; DINIZ, Marcelo Vera Cruz. **Gamificação: diálogos com a educação**. In: FADEL, Luciane Maria Fadel;

ULBRICHT, Vania Ribas; BATISTA, Claudia Regina; VANZIN, Tarcísio (org.) **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014, 300p.

ARAÚJO, Ulisses F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. **Revista Educação e Pesquisa**. vol.26 no. 2. São Paulo: 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v26n2/a07v26n2.pdf> Acesso em: 05 dez. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.436 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em: 29 ago. 2018.

CATANI, Denice Barbara. **Memória e história da profissão dos professores: as representações sobre o trabalho docente nos manuais pedagógicos**. Revista Edufoco, UFJR, 2009. Disponível em: http://www.ufff.br/revistaedufoco/files/2009/10/343o-2-Ana-Maria-_7_1.pdf Acesso em: 10 jan. 2019.

CORTELLA, Mario Sergio. A escola passou a ser vista como um espaço de salvação. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 de maio de 2014. Caderno Educação. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058> Acessado em: 30 set. 2018.

EVANGELISTA, Domingos. **Elementos de Pedagogia**. Porto: Livraria Figueirinhas, 1944.

LERNER, Delia; CARDOSO Beatriz (org); NOGUEIRA Neide; PEREZ Tereza. **Ensinar: tarefa para profissionais**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MORAN, José M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13a. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina; 8ª edição; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.

NETO, Elydio dos Santos; FRANCO, Edgar Silveira. **Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro**. Revista de Educação do COGELME, ano 19, n. 36. Janeiro/junho 2010.

NÓVOA, António. **Concepções e práticas de formação contínua de professores**. In Formação Contínua de Professores - Realidades e Perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991, pp. 15-38.

PEÑA, Profa. Dra. Maria de los Dolores Jimenez; ALLEGRETTI, Profa. Dra. Sonia Maria Macedo. **Escola Híbrida: aprendizes imersivos**. Revista Cet, vol.1, nº 02, abril 2012.

VIANNA, Ysmar et al. **Como inventar empresas a partir de jogos**. Rio de Janeiro: MJV Press, 2013.



INFORMAÇÕES DOS AUTORES

Michelle Marins Pessoa é graduanda em Pedagogia pela Faculdade Integradas Campos Salles, Bacharel e licenciada em Letras Francês e Português pela Universidade de São Paulo, Pós-graduada em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela USP. Profissional atuante na educação pública. **michellemarins@hotmail.com**.

Sandra Regina Gouvea. Mestre em Psicologia Educacional UNIFIEO, pós-graduada em Gestão de Negócios e Serviços e Didática do Ensino Superior pelo Mackenzie, graduada em Turismo pelo SENAC e Professora das Faculdades Campos Salles. **sandra.rgouvea@gmail.com**.

